



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

19 | 2016

Ponto Urbe 19

Corpo - cidade: a arte subversiva nos anos 1970 em Nova Iorque

Body - City: the subversive art in the 1970s New York

Andréia Paulina Costa



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3321>

DOI: 10.4000/pontourbe.3321

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Andréia Paulina Costa, « Corpo - cidade: a arte subversiva nos anos 1970 em Nova Iorque », *Ponto Urbe* [Online], 19 | 2016, posto online no dia 31 dezembro 2016, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3321> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3321

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

Corpo - cidade: a arte subversiva nos anos 1970 em Nova Iorque

Body - City: the subversive art in the 1970s New York

Andréia Paulina Costa

- 1 A ideia de corpo como suporte para as produções artísticas, em meados dos anos 1970 ganha uma dimensão política que se relaciona com a cidade. Artistas como David Wojnarowicz, Adrian Piper e Hannah Wilke utilizam o próprio corpo como meio para suas intervenções artísticas, e encontram no mesmo uma forma de contestar e subverter uma série de códigos culturais. Estética e politicamente, esses artistas colocam em pauta temas tabu como sexualidade e gênero, através de ações artísticas radicais, que inserem no contexto urbano modos de intervenção e linguagens transgressivas relacionados a produção de uma arte urbana.
- 2 Os trabalhos de David Wojnarowicz, Adrian Piper e Hannah Wilke representam modos diferenciais de ação. Onde o corpo como meio de expressão apresenta uma narrativa conectada a cidade e as dinâmicas de inclusão e exclusão, política e social. Narram temas e vivências presentes na trajetória desses artistas ao mesmo tempo em que nos contam sobre a discriminação e a objetificação do outro.
- 3 O corpo é utilizado como meio de diálogo, de transmissão, cuja mensagem é a ação artística. Como linguagem, expressa o sentimento contido na ação: expansão, contração, ocupação. As ocupações possuem uma interferência direta sob o tecido urbano, trazendo para o tempo presente questões políticas e ideológicas de usos e práticas do e no espaço urbano.
- 4 Cartografia e nomadismo se tornam modos de compreensão da cidade, e promovem práticas artísticas distintas. Trabalhos como *Arthur Rimbaud em Nova Iorque*, *The Mythic Being* e *So Help Me Hannah*, são exemplo de ações cartográficas, onde os artistas criam uma rede simbólica de imagens, produzindo um "mapeamento" da cidade. O mapeamento da cidade se dá pelas ocupações artísticas, essas, fazem parte do processo de ressignificação do espaço ao mesmo tempo em que se tornam meio de veiculação e visibilidade. Na

medida em que percorrem a cidade, esses artistas inserem seus trabalhos no urbano, levantando questionamentos, polemizando temas culturais. Intervindo no espaço urbano, essas ações artísticas desconstróem códigos sociais, contra-apropriando os elementos presentes nos discursos de exclusão, esses trabalhos ressignificam e territorializam os espaços simbólicos da cidade.

- 5 Contra-apropriações, territorializações, ocupações são modos de produzir elementos possíveis de leitura etnográfica, e em alguma medida também de etnografar, na medida em que escreve um percurso. São esses percursos que produzem conhecimentos sobre a cidade, que interferem nas estruturas simbólicas e espaciais e ativam ações contestatórias. Esses trabalhos cujas ações radicais buscavam romper com os olhares impostos culturalmente, se tornaram importantes elementos para pensar a relação entre arte e cidade, como expressão e representação política, mas também como modo de produção de conhecimento e ocupação dos vazios urbanos.
- 6 A cidade, para esses artistas, se torna o meio pelo qual seu trabalho ganha visibilidade. O artista nesse contexto dialoga com o ofício de antropólogo, na medida em que produz um conhecimento sobre o urbano, através da observação e da análise dos temas que emergem na cidade. Através do corpo, esses artistas inscrevem seus posicionamentos, se aproximando da escrita etnográfica.
- 7 O papel de artista como etnógrafo, colocado por Hal Foster (2014: 158-185), traz a questão da identidade e da identificação como meios de produção artística, essas, culminariam em uma aproximação entre artista e comunidade, revelando questões políticas e econômicas, por vezes, complicadas.
- 8 Esse papel de etnógrafo, se torna emblemático, na medida em que é a questão da identidade e da identificação que move parte das ações artísticas relacionadas a antropologia. Mas, para além dos trabalhos relacionados à identidade, a questão da identificação complexifica a relação entre arte e etnografia, e coloca o artista como etnógrafo em uma difícil posição. Para Foster (2014: 161-162) três questões surgem nessa relação entre arte e antropologia, a questão da alteridade pressupõe que o lugar da transformação política também é o da transformação artística, que esse lugar de transformação se encontra no campo do outro e o acesso a essa alteridade transformadora é limitado.
- 9 Essa limitação de acesso abordada por Foster (2014: 160-162), ocorre por meio do processo de identificação do artista com o tema e ou a comunidade com e para a qual a ação artística se realiza. Essas limitações se encontrariam em determinados valores culturais, mas também por questões ideológicas e espaciais, colocando o artista mais como espectador do objeto ou temática escolhida do que crítico e produtor de um pensamento e um trabalho artístico que se vincule a questão da identidade e da alteridade. Para Silva:

A etnografia tem três fases, (situar-se, observar e descrever). A vivência do etnógrafo converte tais fases em atividades sincrônicas (andar, ver e escrever). O percurso no campo, sua observação e a descrição do contexto percorrido e observado são três fluxos que se misturam pela reciprocidade, interdependência e (inter)influências enquanto se tensionam pelas contradições e heterogeneidade das disposições e habilidades em jogo. Tudo isso compõe uma complexa ambiência, um contexto do qual deriva o estatuto do observador e as propriedades do universo observado. Cena de componentes tão inextricáveis impõe que a etnografia se torne o relato de um percurso. Dados e informações sobre a sociedade observada devem estar organizados no texto ao longo de uma espinha dorsal, o percurso do

etnógrafo. Somente essa linha aglutinadora do material colhido poderá torná-lo legível. (Silva, 2009: 32).

- 10 Situar, observar e descrever: percurso, texto. Elementos presentes nas duas práticas, antropológica e artística. A posição de artista como etnógrafo se coloca em busca de situar, observar e descrever determinado assunto, criando um texto e estabelecendo um percurso na cidade. Etnografias urbanas, cartografias que promovem modos de compreensão dos imbricamentos sociais presentes na cidade. O processo etnográfico na arte possibilita leituras que aproximam assuntos e ações políticas que promovem visibilidade de determinados discursos, relacionados à alteridade.
- 11 Dentre os artistas a problematizar a questão da identidade, se encontram David Wojnarowicz e Adrian Piper e Hannah Wilke. A identidade como meio de produção de uma estética artística radical, é expresso nos trabalhos de David Wojnarowicz e Adrian Piper como interlocução entre a realidade vivida – de gênero e raça, a questão da homossexualidade e da AIDS para Wojnarowicz, e da identidade negra, e feminina para Adrian Piper-, e o processo de discriminação. A questão da identidade nos trabalhos nesses dois artistas, se relaciona ao espaço da cidade, aproximando a arte à antropologia urbana.



Arthur Rimbaud in New York, 1978-1979
David Wojnarowicz e Peter Hujar
Fonte: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía - Espanha
Cedido pela PPOW Gallery NYC e State of David Wojnarowicz

- 12 A série *Arthur Rimbaud em Nova Iorque*, realizada por David Wojnarowicz em parceria com Peter Hujar, entre 1978 e 1979, tinha como proposta fotografar determinados pontos da cidade de Nova Iorque. Utilizando uma máscara impressa com o rosto de Arthur Rimbaud, David Wojnarowicz era fotografado nas mais diversas situações e espaços, de prédios abandonados à cafeterias, de esquinas a postos de gasolina, em cenas públicas e privadas. O corpo, a linguagem corporal de cada fotografia representava momentos distintos na trajetória da cidade, mas simultaneamente revelava também trechos do circuito homossexual, este ligado a lugares abandonados e sujos da cidade de Nova Iorque. Algumas das cenas presentes na série mostram Wojnarowicz seminua em um prédio abandonado, como narrativa, a cena continua, carícias, masturbação, cigarros, metrô.

Como uma história contada sobre o circuito, como um mapeamento. Ao mapear esses lugares David Wojnarowicz dialoga com a arte urbana e aciona modos de crítica social.

The city during the day was bathed in a hot white sunlight; a steel-pounding heat coursed off the walls of miragelike architecture in the waves of desert wind. There was a distant energy surrounding everything like fear because there was nothing about architecture that the eye could settle on; the eye was constantly adrift almost as if it were experiencing a small panic. It was an architecture of a population anticipating impermanence or death. (Wojnarowicz, 1991: 31)

- 13 Os trabalhos de David Wojnarowicz tratavam questões como gênero e identidade. Procurando modos de inserir esses temas no cotidiano visual da cidade, através de ocupações e subversões em locais movimentados, suas ações promoviam uma proximidade entre a vida noturna e diurna, revelando aspectos “dirty” da cena noturna dos anos 1970 e 1980: mistura entre arte e sexualidade, música e radicalidade.
- 14 Hannah Wilke parte da questão da objetificação do corpo feminino, como fetiche e usa seu corpo como meio de contestação e desmistificação. Hannah Wilke em sua série em colaboração com Doug Goddard, de 1978, intitulada *So Help Me Hannah: Snatch-shots with Ray Guns* retrata a artista percorrendo a cidade, desnuda, com uma arma em mãos, deitada, sentada ou jogada em lugares sujos da cidade.
- 15 Hannah Wilke, trabalha na mesma linha de arte e sexualidade, também contestando os usos específicos ou limitados dos espaços da cidade, utilizando seu corpo para produzir uma crítica da mulher como objeto.

In a 1978 series of black-and-white photos called “Snatch Shots with Ray Guns”, Wilke cavorts unclothed amid the glamorous decay of P.S.1. Wearing high heels, she crawls across the building's roof, crouches in a dumpster, pees into a toilet and sprawls at the bottom of the stairs. A toy gun is in her hand throughout. Six of these photos enlarged to poster size, are emblazoned with slogans that sound like crude forerunners of Barbara Kruger's: “Beyond the Permissibly Given”, “Opportunity Makes relations as It Makes Thieves”, “What Does This Represent? What Do You Represent?” (Princenthal, 1997: 91)
- 16 A série, *So Help Me Hannah*, traz para o debate a questão do corpo feminino, da sedução, mas para além, traz modos de apropriações distintas do espaço urbano. Coloca em pauta dicotomias como beleza x decadência, sensualidade x *underground*. A série para além da representação do feminino mostra modos de apropriação do espaço urbano, que aliados desconstróem estereótipos, e inserem métodos diferenciais de olhar e ocupar esses vazios urbanos. A cidade aqui representa dois lados, de ruptura com olhar masculino, onde a mulher se enquadra em padrões culturais impostos, mas também envolve a figura da artista em um cenário, cuja linguagem acrescenta elementos de radicalidade e de subversão.
- 17 Os rituais de auto representação e de quebra de estereótipos são encontrados também nos trabalhos de Adrian Piper. Piper, reflete sobre sua condição de mulher negra na sociedade americana, relacionada a sua posição feminista, os discursos textuais e visuais de seus trabalhos produzem relatos de discriminação e exclusão política e social. *The Mythic Being* (1973) possui um discurso provocativo em que a artista se veste de figura masculina trajando óculos escuros, cabelo *black power* e bigode. Frases como “*I embody everything you most hate and fear*”, “*According to concepts, i.e. according to rules, which not only make then necessarily reproducible*”, “*It doesn't matter who are you, if what you want to do to me, is what I want you to do for me*” compõe a série de fotografias do trabalho. Ao acionar elementos políticos Adrian Piper faz uma crítica a discriminação racial e de gênero, onde o ser

mítico, representado pela figura performática encenada pela artista desnuda questões de preconceito e também de androgenia.



So Help Me Hannah 1978
Hannah Wilke
Fonte: Pinterest

Esses trabalhos revelam uma complexa relação entre performance e fotografia, onde a questão da identidade e da representação se conectam ao espaço urbano criando possibilidades de ação. Ao romper com os códigos estabelecidos essas produções artísticas também pode ser analisadas como etnográficas, na medida em que mapeiam a cidade e documentam as mudanças que ocorrem nos espaços em que ocupam. Mas, também produzem ações sociais nas quais os próprios artistas são sujeitos a processos de reflexões

etnográficas. A questão do corpo no processo artístico é de materialidade e radicalidade,



The Mythic Being, 1973-1975
Adrian Piper
Fonte: Google Imagens

de ruptura e questionamento;

O corpo entra em cena em sua materialidade. A incorporação da arte como ato inscrito ao efêmero do momento, inserido em uma ritualismo combinado ou improvisado segundo as interações dos participantes, contesta os funcionamentos sociais, culturais ou políticos por um engajamento pessoal imediato. A *body art* é uma crítica pelo corpo das condições de existência. Oscila de acordo com os artistas e as performances entre a radicalidade do ataque direto à carne por um exercício de crueldade sobre si, ou a conduta simbólica de uma vontade de perturbar o auditório, de romper a segurança do espetáculo. As performances questionam com força a identidade sexual, os limites corporais, a resistência física, as relações homem-mulher, a sexualidade, o pudor, a dor, a morte, a relação com os objetos, etc. O corpo é o lugar onde o mundo é questionado. (Le Breton, 2003: 45)

- 18 A relação entre corpo e cidade, se dá pela relação intrínseca do espaço-tempo, que deixa marcas tanto na estrutura física da cidade como no corpo, “O ambiente (urbano inclusive) não é para o corpo meramente um espaço físico disponível para ser ocupado, mas um campo de processos que, instaurado pela própria ação interativa dos seus integrantes, produz configurações de corporalidade e ambiência.” (Britto, 2009: 12-13). Resultando em aspectos particulares de apreensão e condução desse devir urbano, onde as identidades e identificações se encontram no diálogo e experiência entre sujeito e cidade, espacialidade, entre corpo performático e urbano.
- 19 O diálogo linguístico e estilístico de artistas como David Wojnarowicz, Hannah Wilke e Adrian Piper, acabam por definir expressividades que funcionam como modos de intervenção e interpretação do ambiente urbano. Aliado a modos de contestação, as ações desses artistas reinterpretem acontecimentos cotidianos criando eventos que corroboram para a manutenção desses modos de arte urbana, de contestação.
- 20 Esses trabalhos têm em comum temas e abordagens relacionadas aos modos de ocupação da cidade, ligados a espaços degradados, deteriorados, sujos, essas ações artísticas como expressões de “guerrilla art” (Kardon, 1984: 6-10) intervêm na cidade de maneira de

produzir visibilidades a espaços, problemáticas urbanas, disputas, sociabilidades distintas. Através da produção de olhares diferenciados sobre a cidade que esses artistas inseriram novos modos de intervenção, cujas linguagens se conectavam a cidade, tentando compreendê-la e dar significado. Uma linguagem transgressiva, que ao utilizar de elementos de contra-apropriação, cartografia e territorialização produziram interferências e ruídos nas tramas urbanas, promovendo novos olhares sobre a arte urbana e sua dimensão política.

BIBLIOGRAFIA

- BOWLES, John P. 2011. *Adrian Piper: Race, Gender, and Embodiment* Paperback. Nova Iorque: Duke University Press Books.
- BRITTO, Fabiana Dultra. 2009. "Co-implicações entre Corpo E Cidade: da sala de aula à plataforma de ações". In: F. D. Britto; P. B. Jacques (org) *Corpocidade: debates, ações e articulações*. Salvador: UFBA. pp. 12-23.
- FOSTER, Hal. 2014. *O Retorno do Real*, São Paulo: Cosac Naify.
- _____. 1996. *Recodificação: arte, espetáculo e política cultural*. São Paulo: Paulista.
- KARDON, Janet; MCCORMICK, Carlo. 1984. *The East Village Scene*. Califórnia: Institute of Contemporary Art.
- LE BRETON, David. 2003. *Adeus ao Corpo*. Campinas: Papirus.
- PRINCENTHAL, Nacy. 2010. *Hannah Wilke*. Nova Iorque: Prestel.
- SILVA, Hélio R.S. 2009. "A situação etnográfica: andar e ver" *Horizonte Antropológicos* ano 15 n. 32: 171-188.
- TAYLOR, Marvin. 2006. *Downtown Book: The New York Art Scene 1974-1984*. Nova Iorque: Princeton
- WOJNAROWICZ, David. 1991. *Close the Knives: a memoir of desintegration*. Nova Iorque: A Vintage Original.

RESUMOS

Esse artigo buscar analisar os trabalhos *Arthur Rimbaud em Nova Iorque* de David Wojnarowicz, *So Help Me Hannah* de Hannah Wilke e *The Mythic Being* de Adrian Piper como formas de contestação na cidade. Através do uso do corpo como suporte artístico, esses artistas questionaram os códigos culturais de sua época, inserindo uma linguagem ácida na qual o corpo era o protagonista da ação performática. Essas ações artísticas dialogam com o processo etnográfico, de escrita, análise e produção de conhecimento através de questões relacionadas à alteridade. A relação entre arte e etnografia nesses artistas se dá pelo processo de performatividade, de ação e de ocupação do espaço urbano com a inserção de temas ligados à sexualidade, gênero e identidade. Ações essas que produziram ruídos na cidade, subversões.

This article seeks to analyze the works Arthur Rimbaud in New York of David Wojnarowicz, So Help Me Hannah of Hannah Wilke and The Mythic Being of Adrian Piper as forms of protest in the city. Through the body use as artistic support, these artists have questioned the cultural codes of their time, entering an acid language in which the body was the protagonist of the performative action. These artistic actions dialogue with the ethnographic process, of writing, analysis and production of knowledge through issues of otherness. The relationship between art and ethnography in these artists is through the performative process of action and occupation of urban space with the inclusion of issues related to sexuality, gender and identity. These actions have produced noise in the city, subversions.

ÍNDICE

Keywords: contemporary art; urban anthropology; urban art; 1970s; ethnography.

Palavras-chave: arte contemporânea; antropologia urbana; arte urbana; anos 1970; etnografia.

AUTOR

ANDRÉIA PAULINA COSTA

e-mail: andreia.pcosta@yahoo.com.br

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU/USP São Carlos) e integrante do Núcleo de Estudo das Espacialidades Contemporâneas (NEC/USP São Carlos)